

RINDO EM MEIO AOS DESTROÇOS

Gregório Duvivier

Quando minha avó Memé me levou ao teatro, parecia uma ideia de jerico — ou, como dizíamos na época, um programa de índio, que era uma expressão que a gente usava pra designar programas que só mesmo o homem branco tinha saco pra fazer. Tinha uns dez anos, idade em que qualquer programa tem mais apelo que o teatro com a vovó.

E não qualquer teatro: era *O Aventureiro*, do Jorge Dória. A peça tinha mais de quinhentos anos de idade, assim como a maioria das pessoas na plateia. E pra piorar, minha avó me enganou, pensei. Isso não é uma comédia. Jorge Dória estava seriíssimo no cartaz da peça. Ao abrir das cortinas, os atores usavam perucas e roupas de época. Que tragédia, pensei.

Até que entra o Dória — e passa a desancar os colegas, um por um. “Você parece o feto de um sapo molhado.” A plateia inteira ia abaixo. E eu também, tanto que lembro de várias falas. “Eu te odeio desde que você nasceu. Só não entendo por que é que você nunca gostou de mim.” Minha avó tinha crises de riso, de um jeito que nunca vi. Aquele homem no palco não parecia um ator. Parecia um ser humano em estado puro, e isso é hipnotizante.

Até que, do nada, no meio de um diálogo, uma parede do cenário desabou, deixando descoberta toda a coxia esquerda. Ao invés de interromper a peça, Dória começou a improvisar, entre crises de riso do elenco. Enquanto falava, chutava as paredes de compensado. Chegou a chamar a produtora pro palco. “Onde foi que vocês compraram isso? Na 25 de Março?”

A partir dali a peça descambou pra um texto hilário sobre as condições precárias das produções teatrais no Brasil, sem que nunca saísse do mote principal — afinal a peça era *O Aventureiro*, então vinha a calhar. Ao final, a plateia urrava como quem tinha assistido a um milagre, enquanto o elenco agradecia, sobre os destroços.

Nunca me esqueci daquela noite. Duvido que alguém tenha se esquecido. Como eu tive sorte! pensava. Assisti à peça no dia fatídico em que o cenário caiu! E que bela metáfora pra profissão: o país desabando e os atores tendo que improvisar sobre os

destroços. Acho que decidi ali que seria comediante. Mais que comediante, queria ser o Jorge Dória, queria lidar daquele jeito com os cenários desabando.

Outro dia encontrei a atriz Glaucia Rodrigues, que interpretava Elisa na montagem, e perguntei se ela se lembrava da noite em que o cenário caiu. “Mas que dia especificamente?”, ela me perguntou. “Ué, no dia em que o cenário desabou!”. Ao que ela me revelou: “Gregorio, o cenário desabava toda noite”. Demorei a entender. “Da primeira vez caiu sem querer. O Doria adorou aquilo. A partir daí acho que ele pedia pro contrarregra derrubar a parede.”

Primeiro fiquei decepcionado. Vivi uma fraude. Minha noite única tinha se repetido centenas de noites (a peça ficou em cartaz por cinco anos). Só tinha sido única pro público. Os atores estavam só repetindo um script. Logo percebi a beleza da coisa. O milagre aconteceu, de fato. Mas o milagre consiste em fazer todo o mundo acreditar no milagre.

Fiquei ainda mais grato ao Dória e àquele elenco que me enganou tão bem. Que delícia de profissão, essa, que consiste em fazer noites comuns parecerem únicas.